

His and Hers: occupational hazards, health, justice and preventions actors  
13-14 February 2017, Brussels

## **Regresso ao trabalho pós-acidente: como eles/elas definem o processo de gestão de si face aos outros**

Liliana Cunha<sup>1</sup>, Marta Santos<sup>1</sup>, e Cláudia Pereira<sup>2</sup>

14.02.2017

<sup>1</sup>Centro de Psicologia da UP, Portugal

<sup>2</sup>FPCEUP, Portugal

## Participação da equipa de investigação em dois estudos sobre o regresso ao trabalho após acidente:

### 1. “**Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos**»<sup>1</sup>:

Pedido pela Associação Nacional dos Deficientes Sinistrados do Trabalho (ANDST)

Objetivo: conhecer os percursos institucionais, os impactos do acidente sobre a vida profissional e pessoal, e as (auto-)representações dos sinistrados

Projeto interdisciplinar com uma equipa de investigadores da sociologia do trabalho

Duração: Maio 2016 a Março 2017

### 2. “**Reconstruir Projetos Profissionais**”:

Pedido por parte de uma grande empresa do setor da distribuição

Objetivo: projeto de reorientação e/ou reconversão profissional junto de trabalhadores do sector da Logística com reconhecida incapacidade para o exercício do trabalho habitual

Duração: desde Maio 2015

<sup>1</sup> Projeto realizado por Bruno Monteiro (coordenação), Cláudia Pereira, Vanessa Rodrigues, Liliana Cunha, Marianne Lacomblez, Marta Santos, José Madureira Pinto. Financiado pelo Instituto Nacional para a Reabilitação.

## **Participação da equipa de investigação em dois estudos sobre o regresso ao trabalho após acidente:**

- Evidência de uma preocupação partilhada por diferentes tipos de atores sobre a análise e intervenção nas situações de pós acidente de trabalho;
- Apesar das circunstâncias singulares de cada acidente e dos percursos pós-acidente, observa-se também algumas tendências em termos do impacto sobre a relação com o trabalho e sobre si mesmo;
- Tendências essas diferenciadas, nomeadamente, do ponto de vista do género...

## Questões a explorar

- Que circunstâncias dos acidentes de trabalho, para homens e para mulheres?
- O que muda no e pelo trabalho, após o acidente, para homens e para mulheres?
- O trabalho: causa do acidente e de agravamento dos seus efeitos?

## Fontes de recolha de dados:

- Projeto «**Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos**»:

- **Inquérito por questionário**, aplicado a **366 sinistrados do trabalho** (sócios/ex-sócios da Associação Nacional dos Deficientes Sinistrados do Trabalho), com as seguintes secções:

- 1) Caracterização sociodemográfica;
- 2) Circunstâncias e consequências do acidente de trabalho (descrição do acidente, condições de emprego antes e após o acidente, Perfil de Saúde de Nottingham, e escala sobre o impacto do acidente na imagem de mim e na relação com os outros);
- 3) Balanço do impacto do acidente (impacto no trabalho, vida pessoal, familiar e social);
- 4) Comentários finais e sugestões

- Projeto «**Reconstruir Percursos profissionais**»:

- **Entrevistas individuais, de cariz mais “clínico”, a 20 trabalhadores da Logística**, sobre as seguintes temáticas:

- 1) Caracterização sociodemográfica;
- 2) Percorso profissional autoconstruído;
- 3) Exploração do percurso autoconstruído;
- 4) Análise do trabalho e exploração de competências;
- 5) Interesses, expectativas e motivações.

- Recurso pontual a dados oficiais/nacionais da Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT) relativos ao ano de 2013 (dados mais recentes), com o objetivo de situar e considerar as especificidades dos dados do projeto ANDST face a estes dados oficiais.

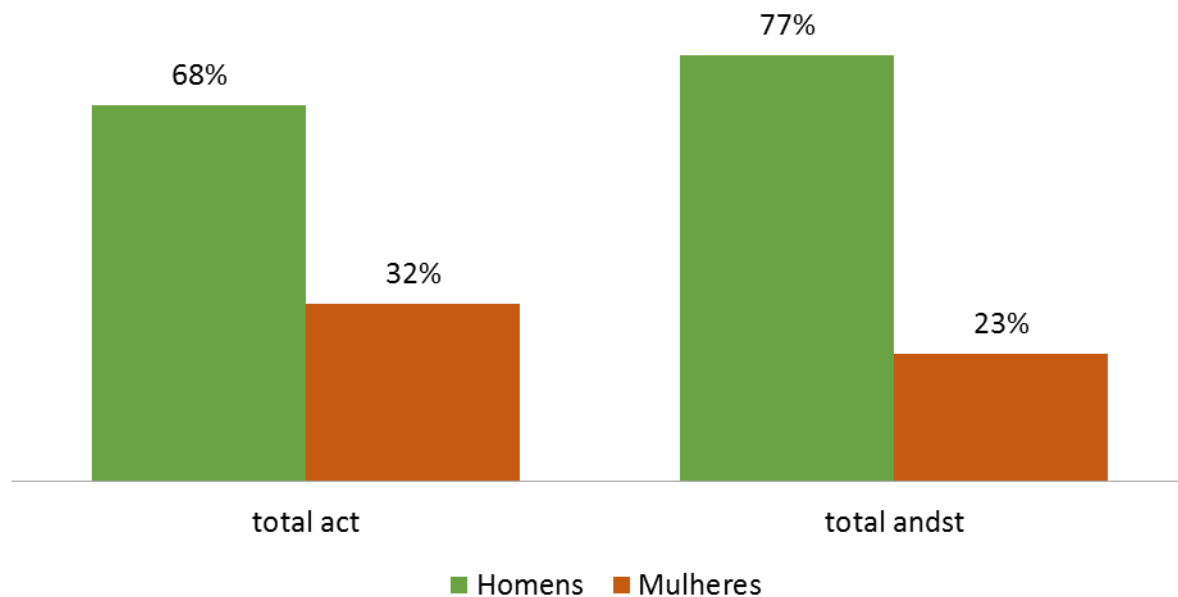
## Questões a explorar

- Que circunstâncias dos acidentes de trabalho, para homens e para mulheres?
- O que muda no e pelo trabalho, após o acidente, para homens e para mulheres?
- O trabalho: causa do acidente e de agravamento dos seus efeitos?

## caracterização dos sinistrados no trabalho: dados do estudo ANDST face aos dados nacionais da ACT

### Total de participantes

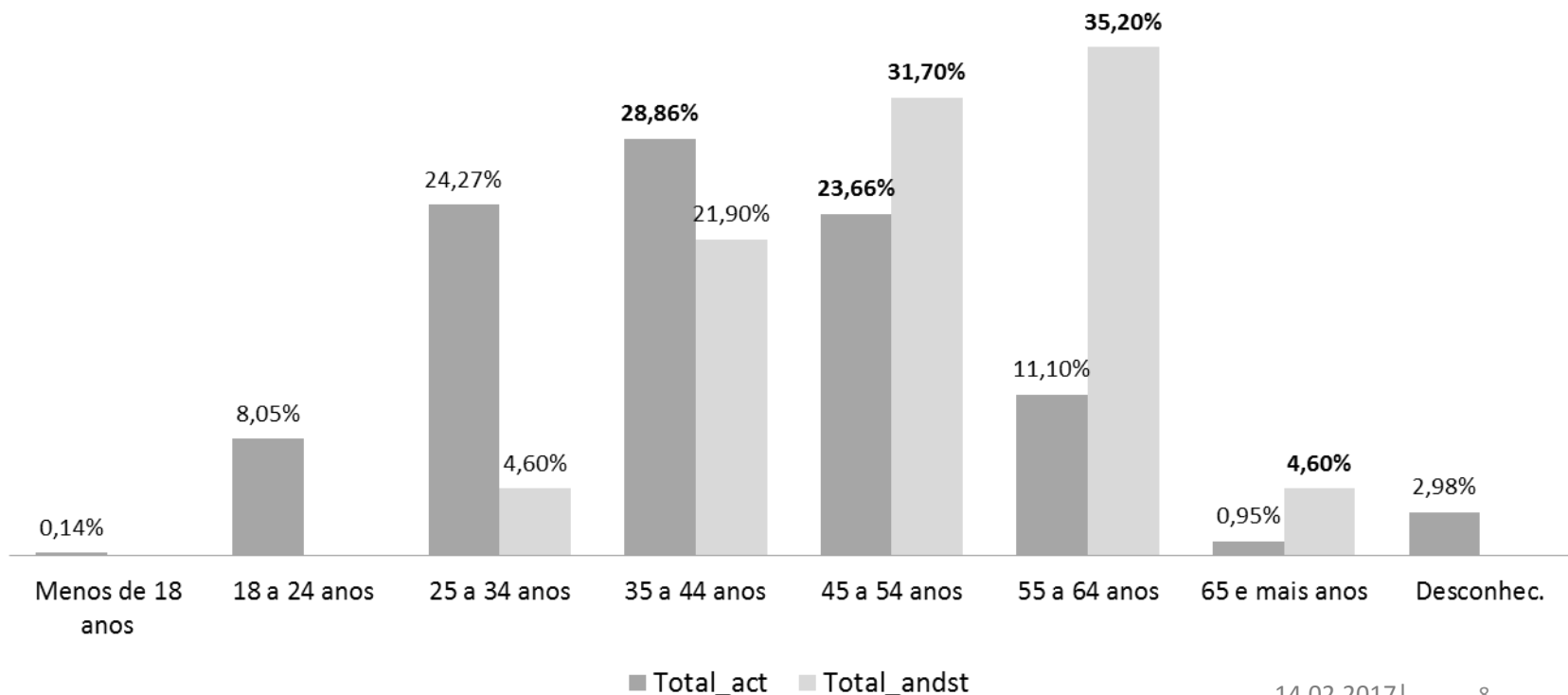
- 282 Homens (ANDST): média etária de 50,9 anos; moda etária: 59 anos; 25% com 6º ano de escolaridade
- 84 Mulheres (ANDST): média etária de 51,5 anos; moda etária: 55 anos; 25% com 9º ano de escolaridade; 25% com ensino secundário



## caracterização dos sinistrados no trabalho: dados do estudo ANDST face aos dados nacionais da ACT

### Distribuição por grupos etários

- dados ACT em 2013: evidencia-se que 28,8% dos sinistrados se encontram entre os 35 a 44 anos, e 24% entre os 25 a 34 anos
- dados ANDST em 2016: evidencia-se que 35% da amostra tem entre 55 a 64 anos, e 31% entre 45 a 54 anos

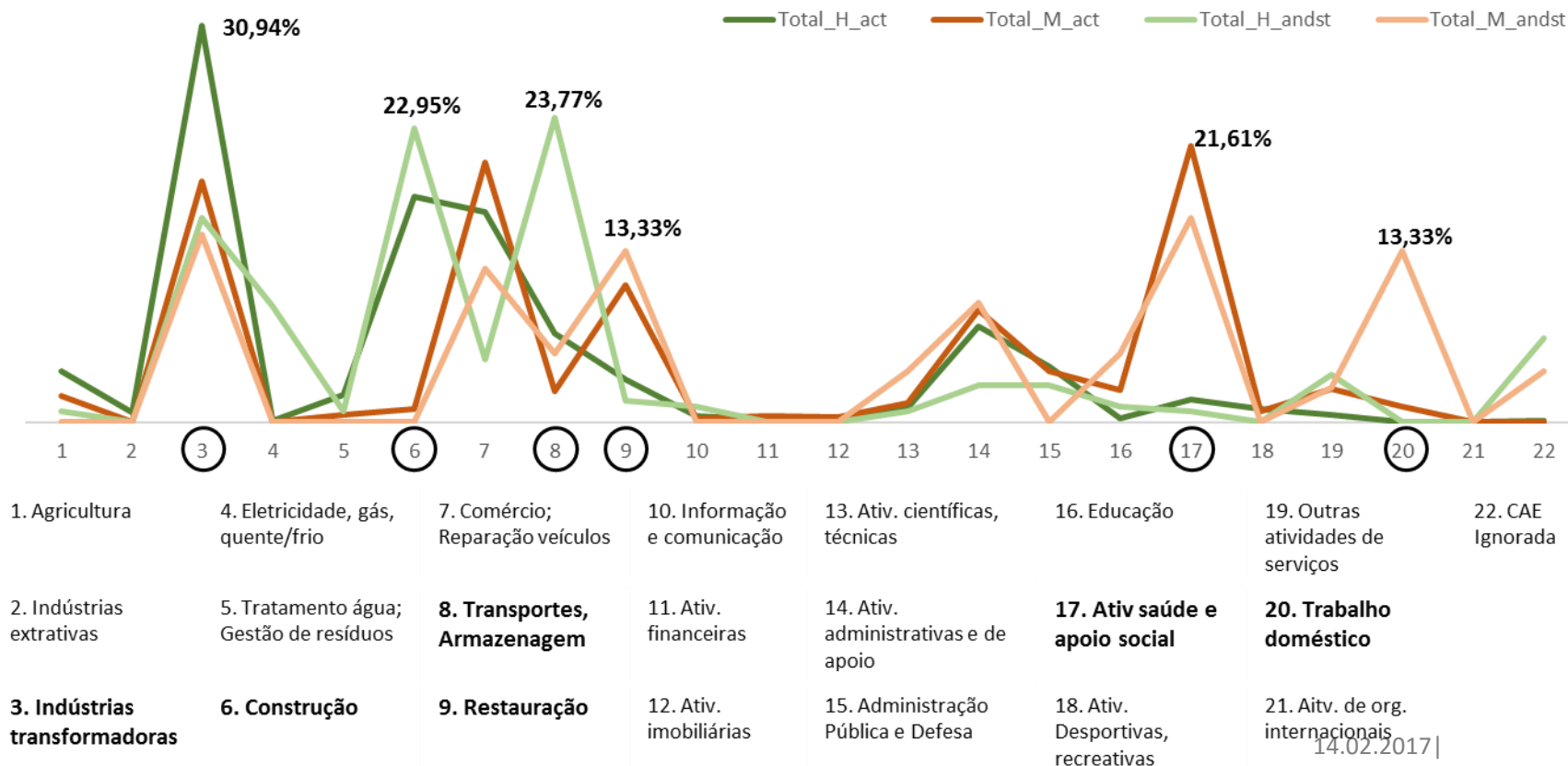




## caracterização dos sinistrados no trabalho: dados do estudo ANDST face aos dados nacionais da ACT

### Distribuição dos sinistrados por atividade de trabalho realizada aquando do acidente, e por género

- Homens: estão mais representados na Construção Civil (22,9%) e nos Transportes e Armazenagem (23,8%),
- Mulheres: função nos domínios da saúde e apoio social (16%), indústria transformadora (14,6%), restauração e trabalho doméstico (13,3%).



## Questões a explorar

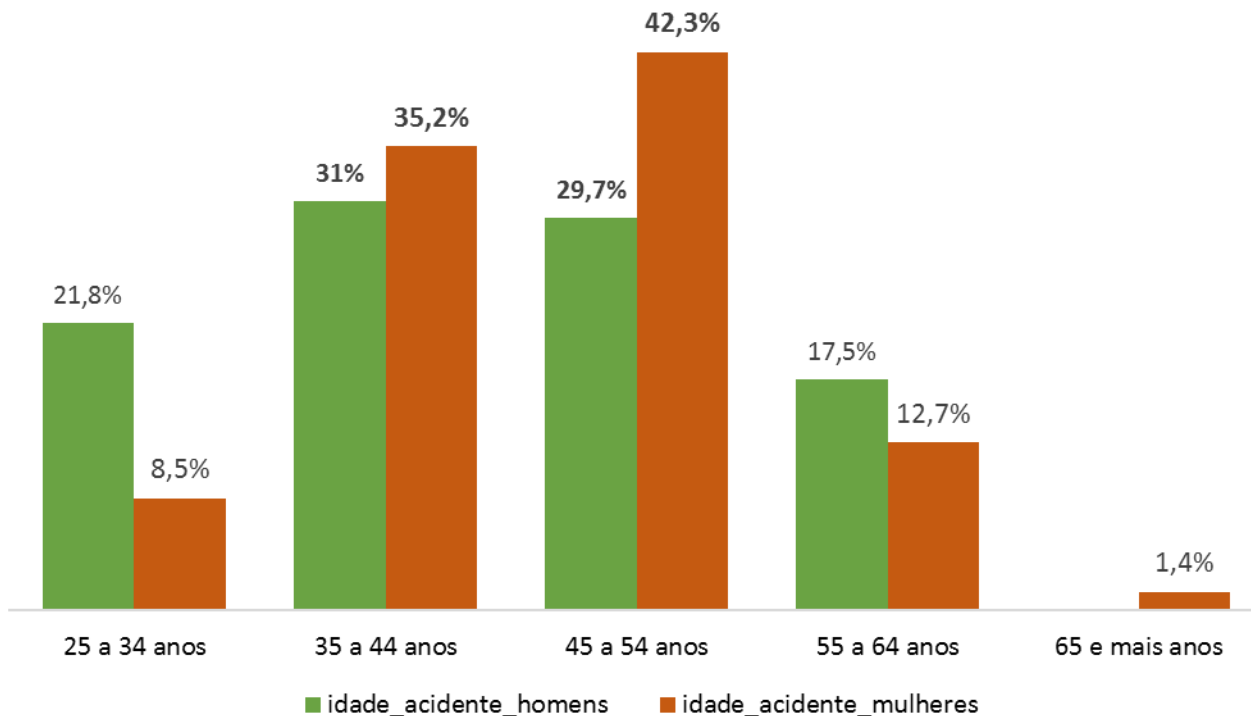
- Que circunstâncias dos acidentes de trabalho, para homens e para mulheres?
- O que muda no e pelo trabalho, após o acidente, para homens e para mulheres?
- O trabalho: causa do acidente e de agravamento dos seus efeitos?

## caracterização dos acidentes de trabalho: dados do estudo ANDST

### Distribuição dos participantes por grupo etário aquando da ocorrência do acidente, e por género

- 31% dos homens têm acidentes entre os 35 e 44 anos e 29,7% entre os 45 e 54 anos
- 42,3% das mulheres têm acidentes entre os 45 e 54 anos e 35,2 entre os 35 e 44 anos

21,8% dos homens tem uma antiguidade na empresa entre 5 e 10 anos aquando da ocorrência do acidente e 23,4% das mulheres tem uma antiguidade entre 1 e 5 anos

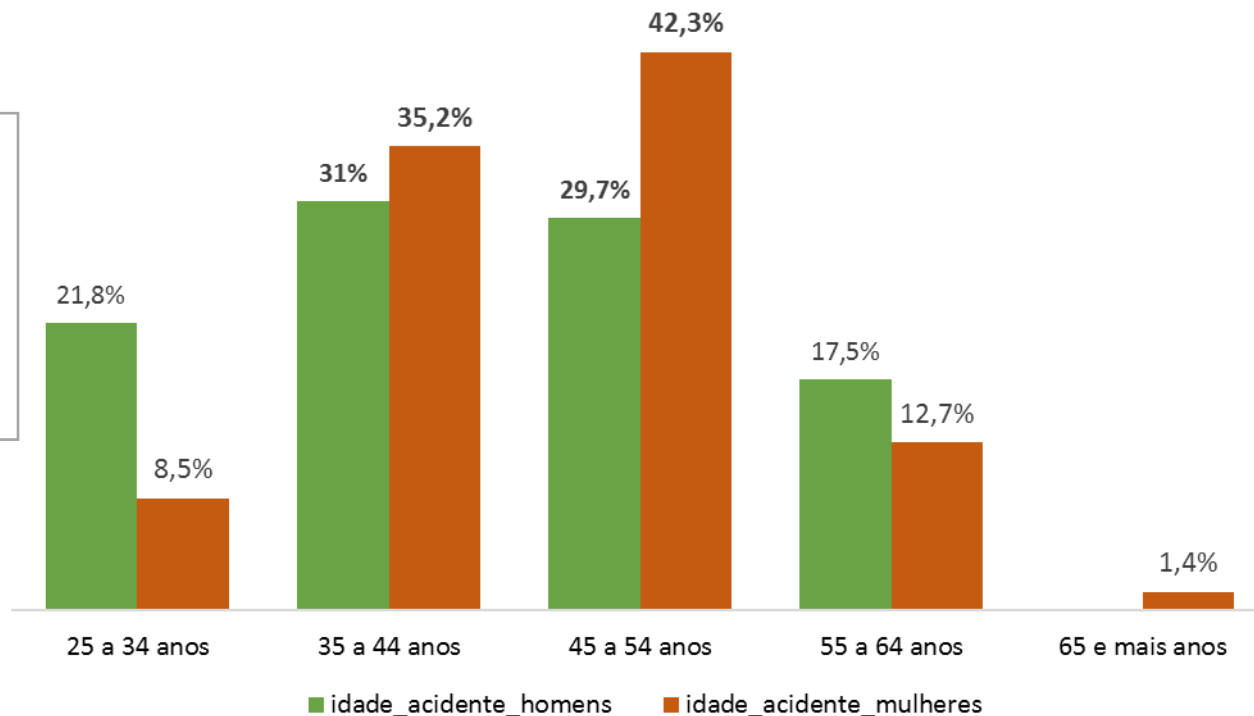


## caracterização dos acidentes de trabalho: dados do estudo ANDST

### Distribuição dos participantes por grupo etário aquando da ocorrência do acidente, e por género

- O facto de as mulheres tendencialmente sofrerem o acidente mais tarde e simultaneamente terem uma antiguidade inferior sugere: por um lado, que os seus percursos profissionais são mais irregulares e, por outro lado, que o regresso ao trabalho poderá ver-se mais dificultado do que o dos homens pela idade, pela antiguidade, e pelo tipo de consequências dos acidentes que têm.

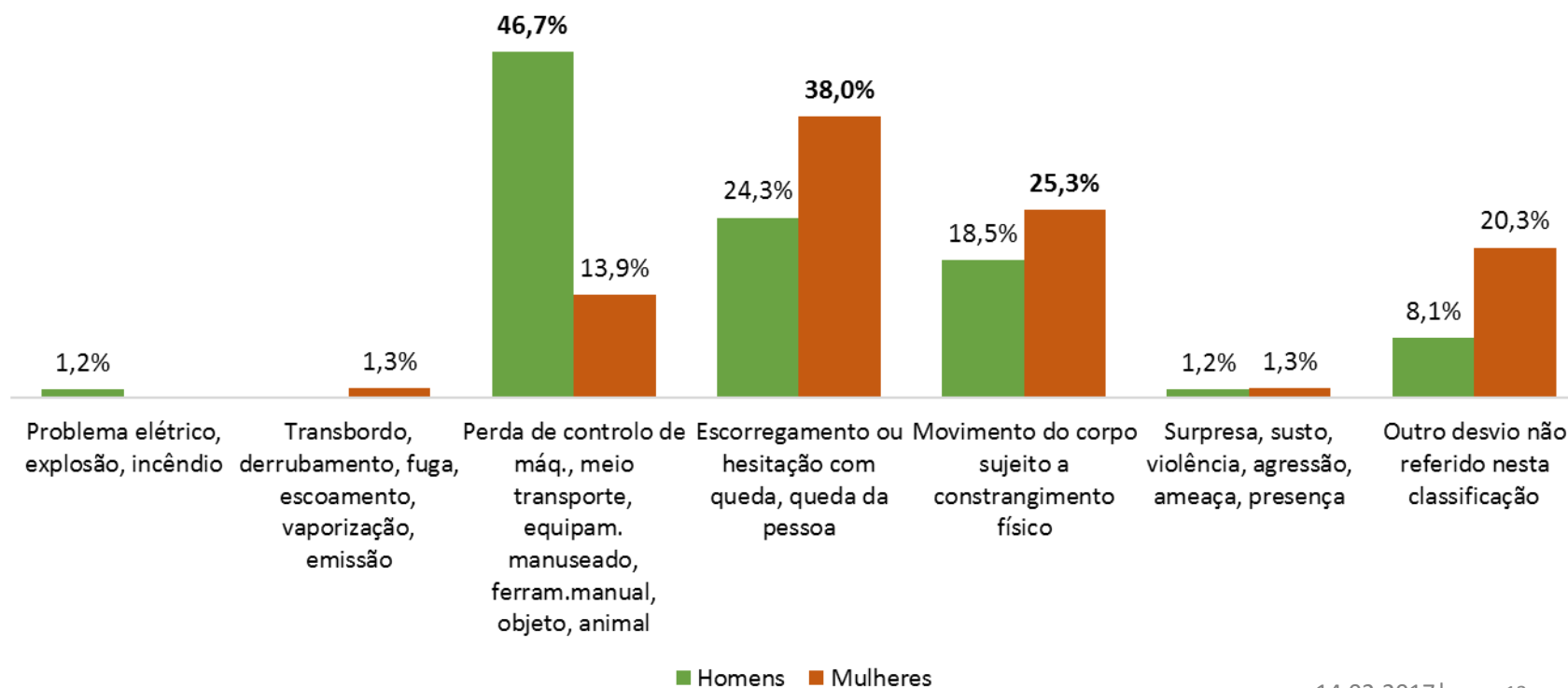
21,8% dos homens tem uma antiguidade na empresa entre 5 e 10 anos aquando da ocorrência do acidente e 23,4% das mulheres tem uma antiguidade entre 1 e 5 anos



## caracterização dos acidentes de trabalho: dados do estudo ANDST

### Distribuição dos participantes por tipo de acidente, e por género

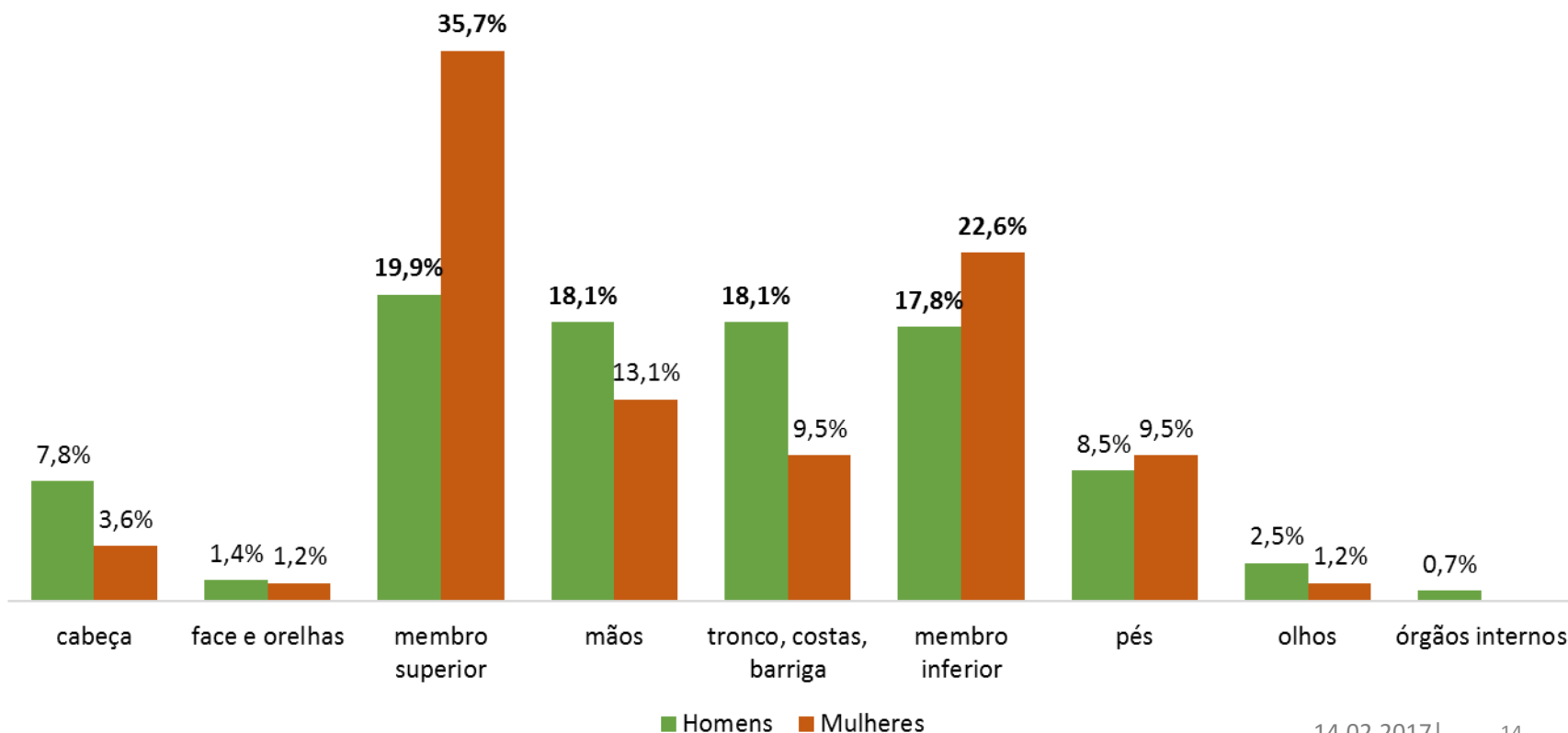
- 46,7% dos homens - acidente relacionado com perda de controlo de máquina, manuseamento de ferramentas, meios de transporte (**“a máquina de corte encravou, fui com a mão e amputou o dedo indicador”**)
- 38% das mulheres – escorregamento, queda; 25,3% movimento do corpo sujeito a constrangimento físico (**“para evitar a queda do idoso durante o banho, fiz um movimento brusco para o segurar, o que me provocou uma rutura do tendão no ombro”**)



## caracterização dos acidentes de trabalho: dados do estudo ANDST

### Distribuição de lesões por zona do corpo, provocadas pelo acidente em função do género

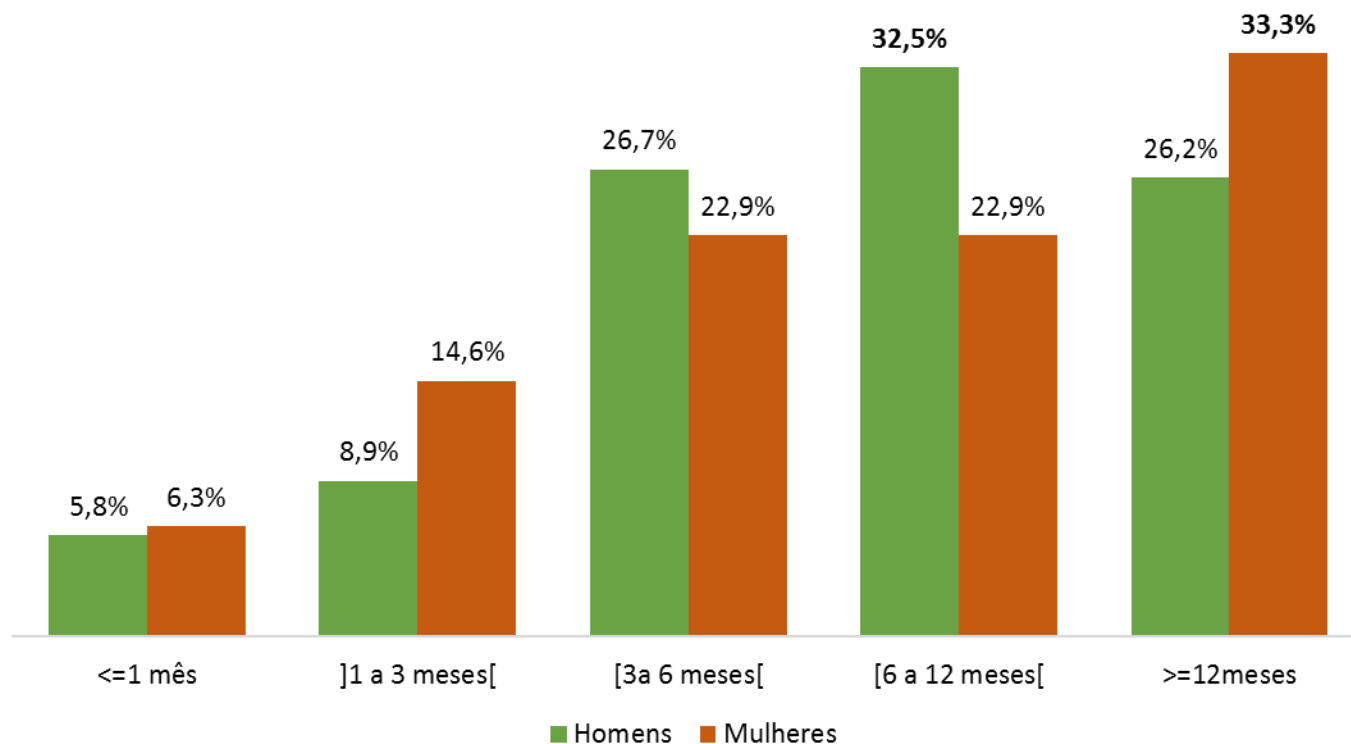
- 19,9% homens com lesões nos membros superiores, 18,1% nas mãos, e tronco, costas, barriga, e 17,8% nos membros inferiores
- 35,7% mulheres com lesões nos membros superiores; e 22,6% com lesões no membros inferiores



## caracterização dos acidentes de trabalho: dados do estudo ANDST

### Tempo de ausência ao trabalho, por género

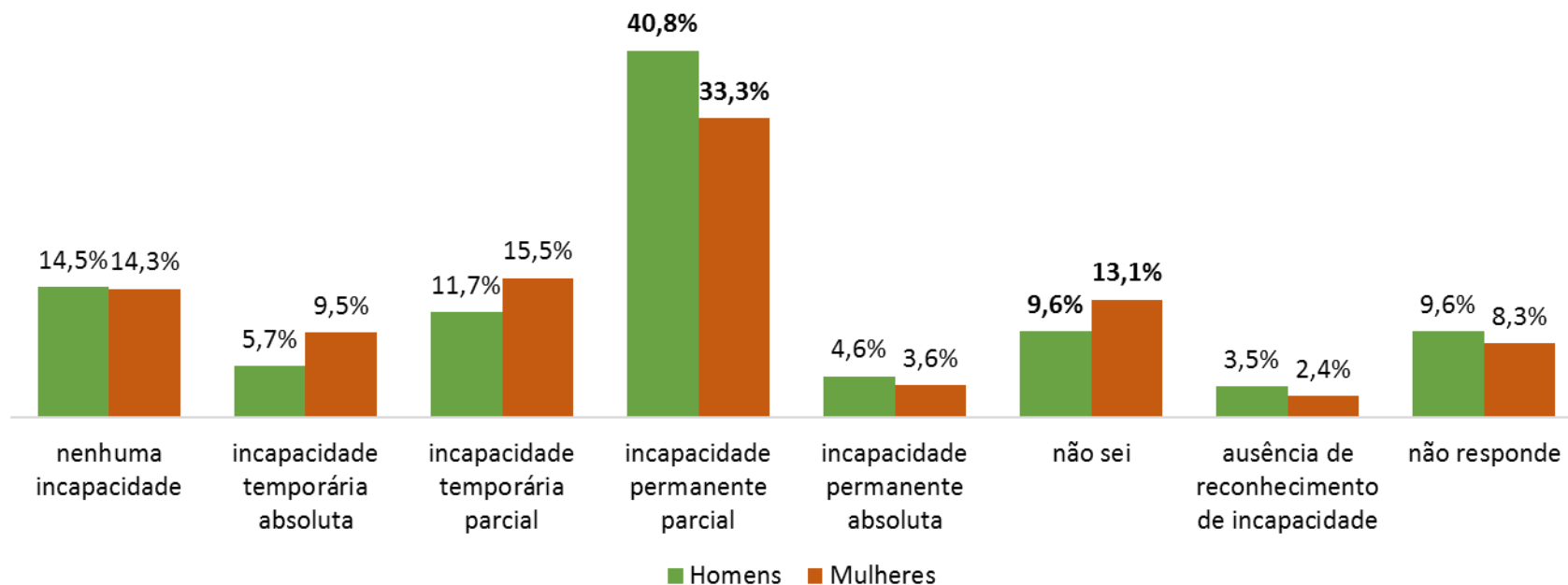
- 59,2% dos homens têm períodos de ausência entre 3 e 12 meses
- 33,3% das mulheres apresentam um período de baixa superior ou igual a 1 ano, o que evidencia dificuldades acrescidas no regresso ao trabalho



## caracterização dos acidentes de trabalho: dados do estudo ANDST

### Classificação das incapacidades propostas pela seguradora, em função do género

- Em homens e mulheres destaca-se a atribuição de incapacidade permanente parcial
- 9,6% dos homens e 13,1% das mulheres referem não saber o tipo de incapacidade proposta pela seguradora

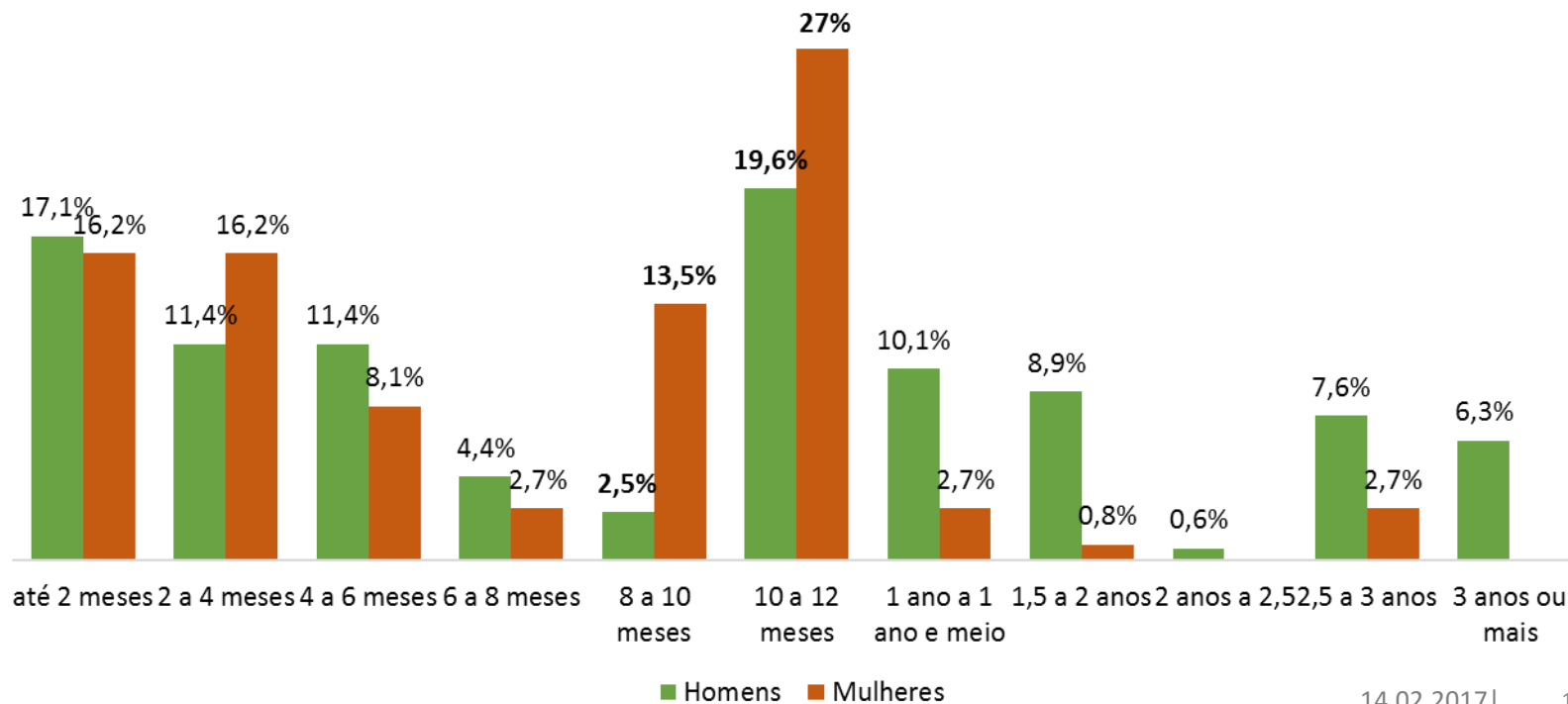




## caracterização dos acidentes de trabalho: dados do estudo ANDST

### Classificação das incapacidades atribuídas pelo Tribunal do Trabalho, em função do género

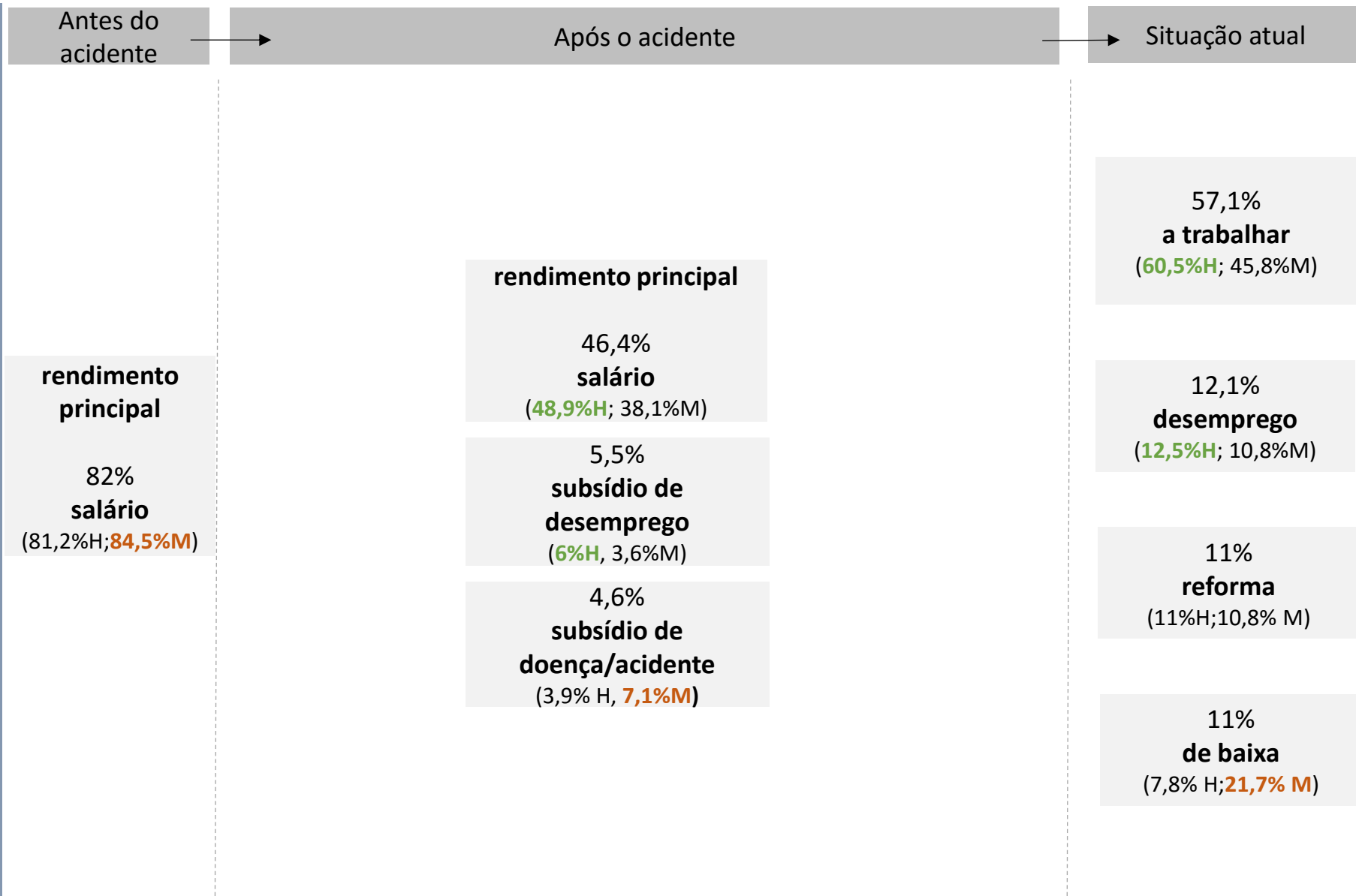
- Em homens e mulheres destaca-se a atribuição de incapacidade permanente parcial
- 7,1% dos homens e 12% das mulheres referem ainda não ter visto atribuída a incapacidade pelo Tribunal do Trabalho
- 22,1% dos homens e 40,5% das mulheres esperam entre 8 e 12 meses por esta atribuição de incapacidade



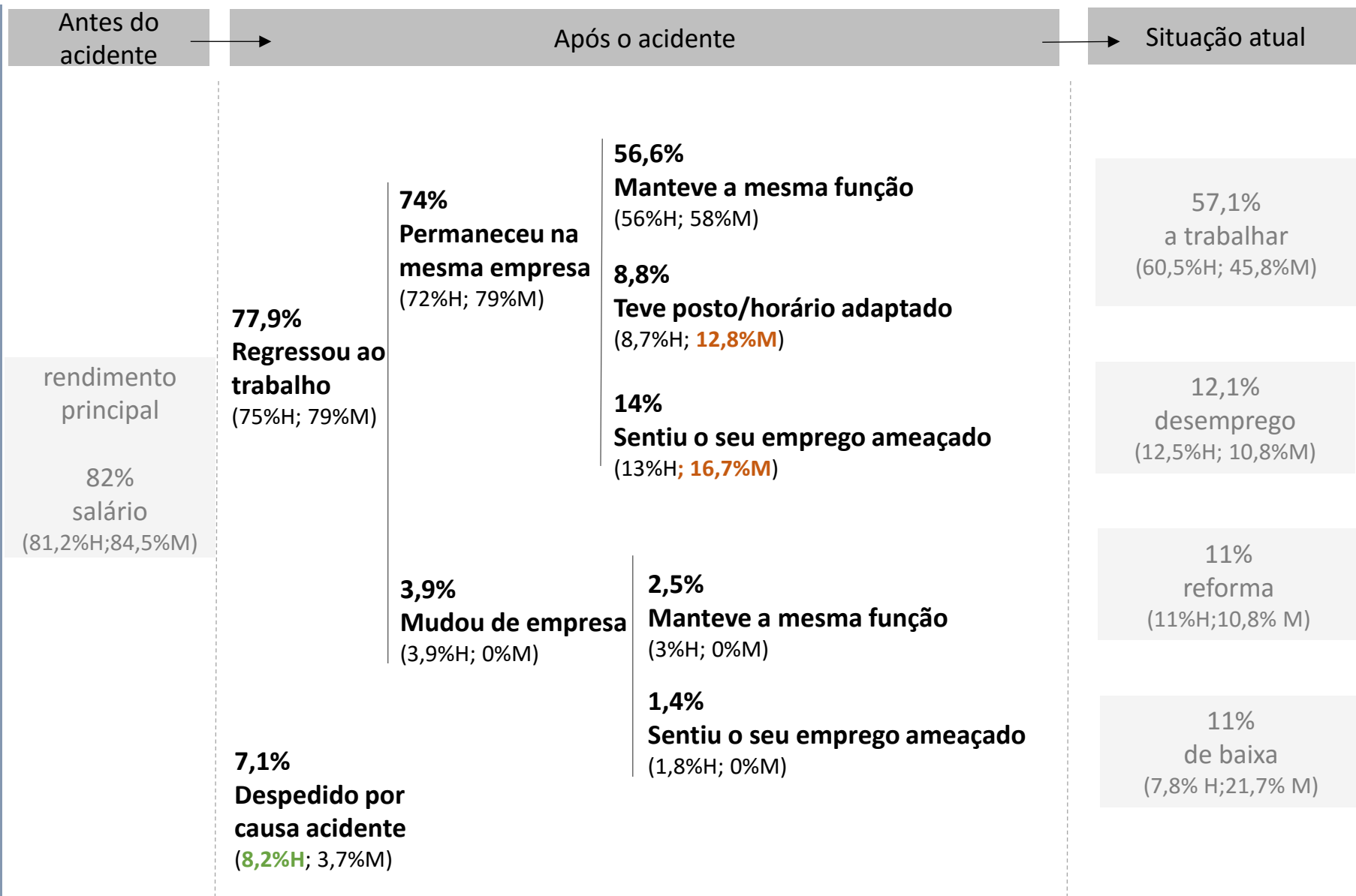
## Questões a explorar

- Que circunstâncias dos acidentes de trabalho, para homens e para mulheres?
- **O que muda no e pelo trabalho, após o acidente, para homens e para mulheres?**
- O trabalho: causa do acidente e de agravamento dos seus efeitos?

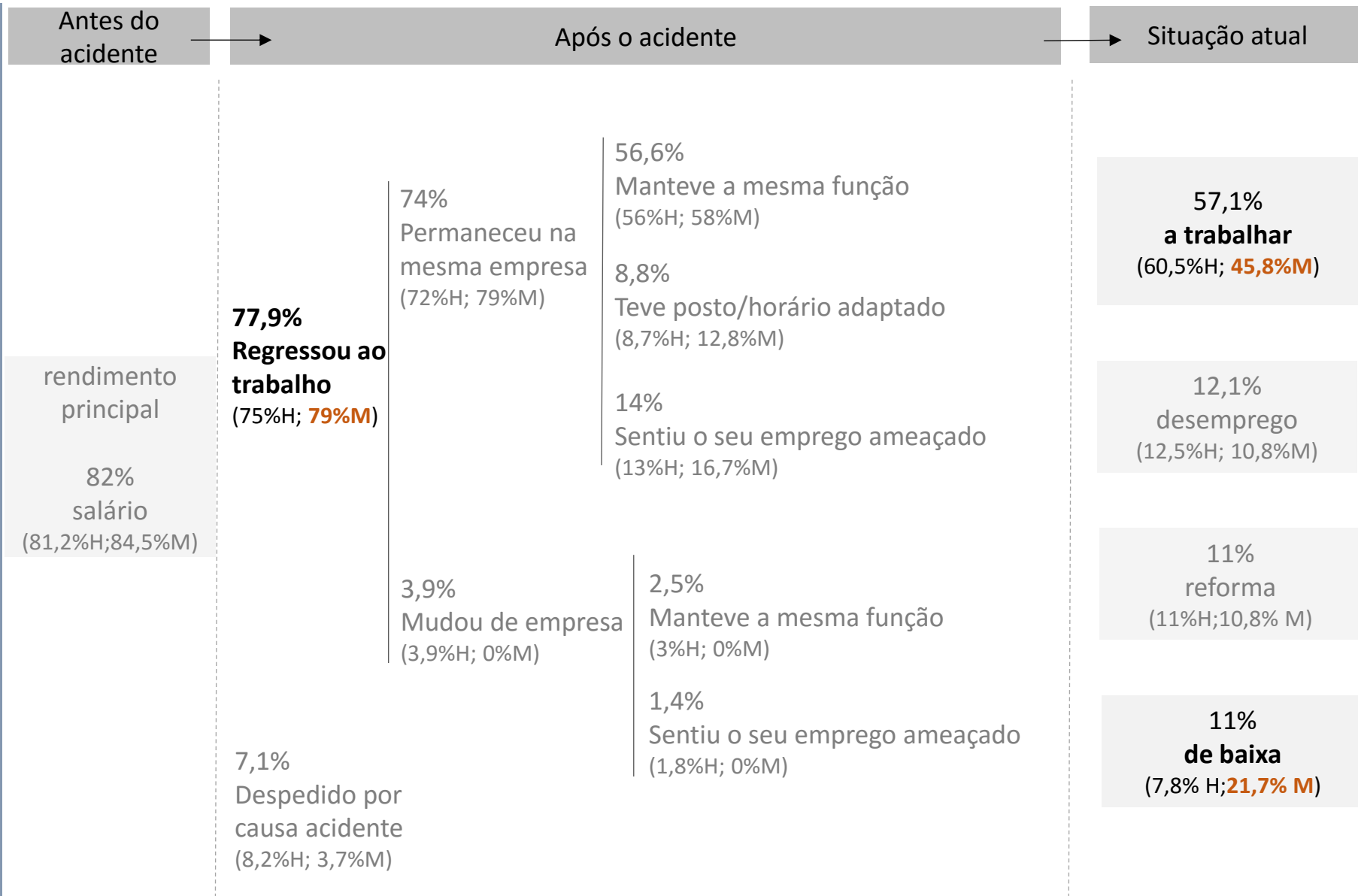
# O que muda no e pelo trabalho, após o acidente, para homens e para mulheres?



# O que muda no e pelo trabalho, após o acidente, para homens e para mulheres?

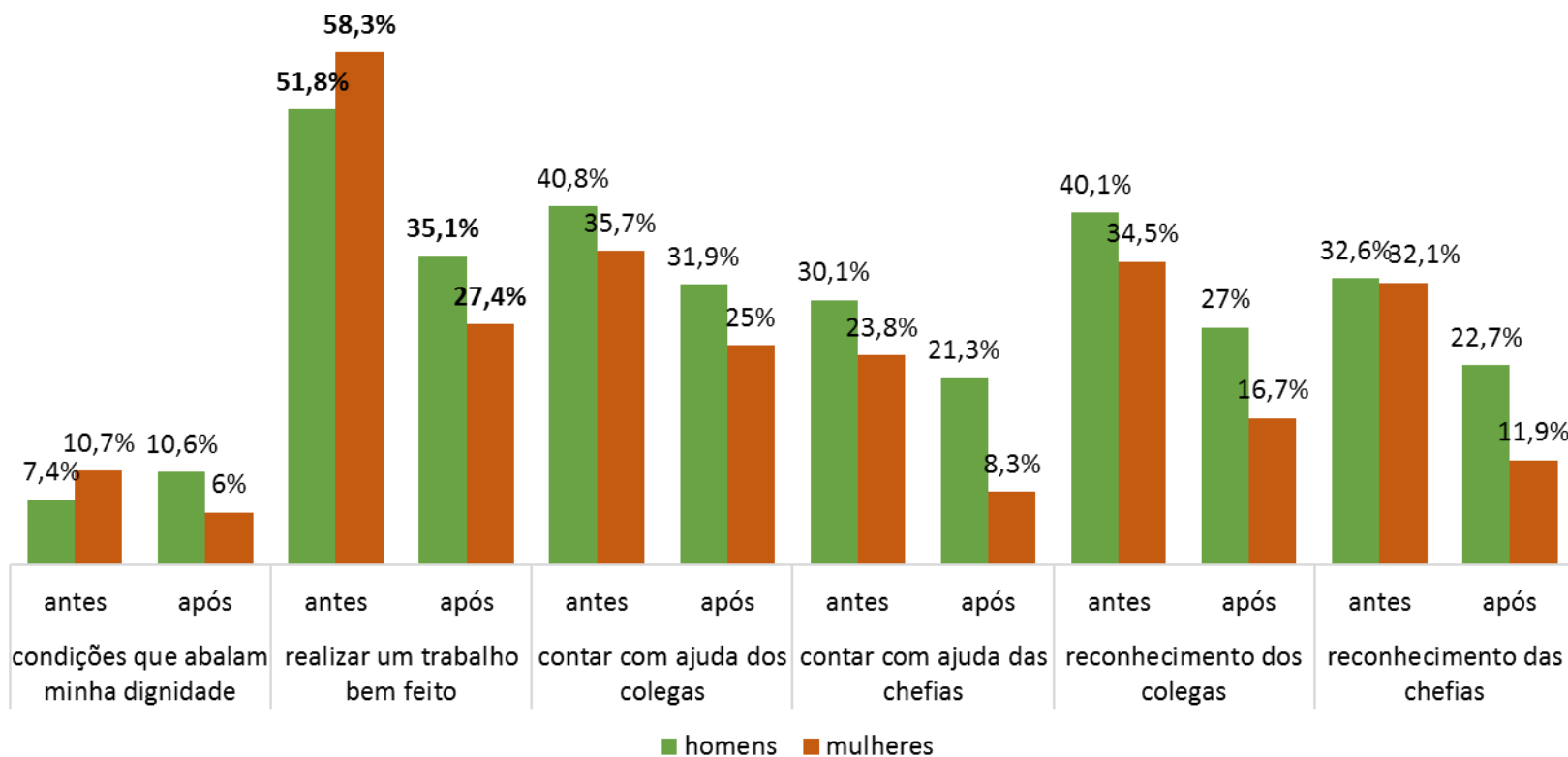


# O que muda no e pelo trabalho, após o acidente, para homens e para mulheres?



## Mudanças no trabalho antes e após acidente, por género

- Para homens e mulheres observa-se a perceção de uma degradação das condições em que se trabalha
- A perceção de se realizar um trabalho bem feito regista a maior diferença para homens e para mulheres

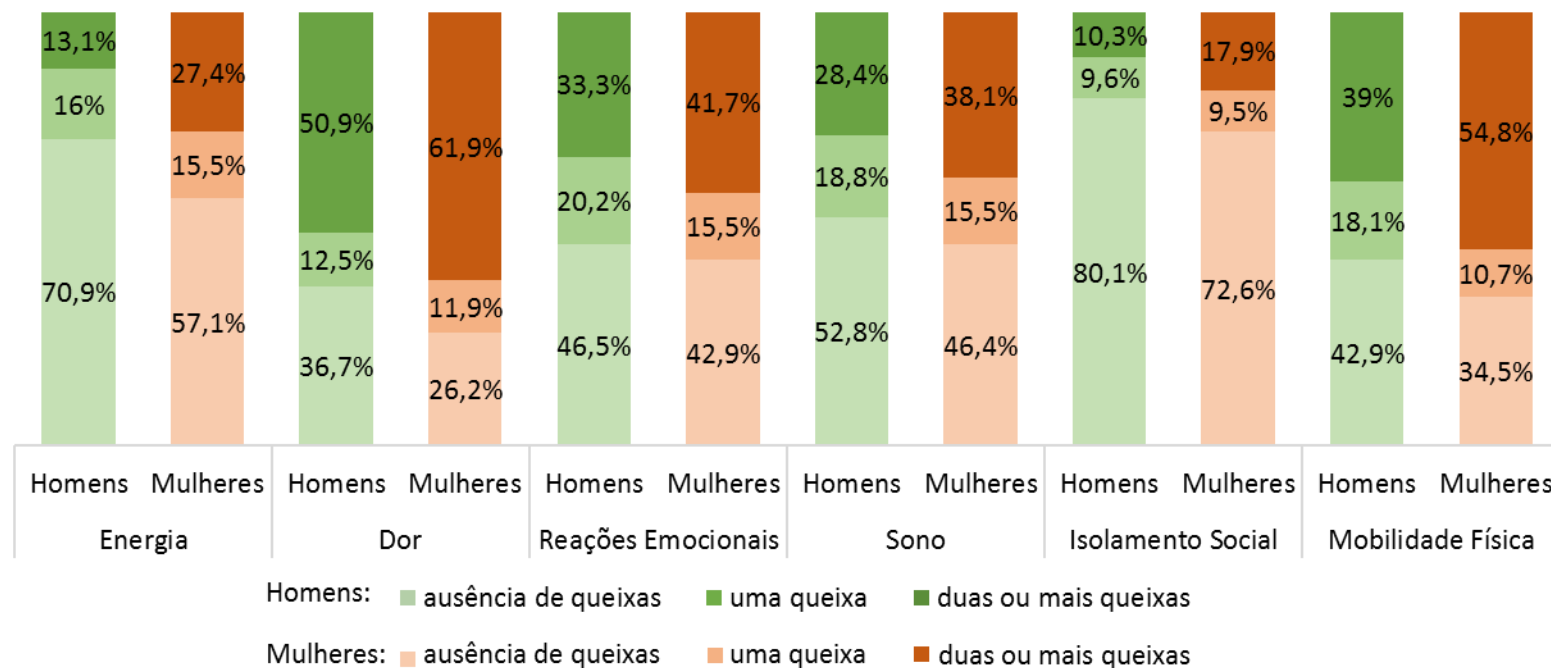


## Questões a explorar

- Que circunstâncias dos acidentes de trabalho, para homens e para mulheres?
- O que muda no e pelo trabalho, após o acidente, para homens e para mulheres?
- **O trabalho: causa do acidente e de agravamento dos seus efeitos?**

## Categorias do Perfil de Saúde de Nottingham (Versão Portuguesa de 1997), por género

- maior número de queixas em itens relacionados com “Dor” (“tenho dores insuportáveis” “tenho dores durante a noite”) e “Mobilidade Física” (“tenho dificuldade em subir/descer escadas e degraus”, “tenho dificuldade em baixar-me”), por parte das mulheres.





- Temos mais acidentes com homens, mas as mulheres têm um período de baixa provocado pelo acidente maior.
- Mais queixas das mulheres em todas as dimensões do NHP, com particular destaque para as “dores” e a “mobilidade física”.

Os problemas das mulheres (dores), pelas suas características, favorecem a construção de uma outra consciência das relações entre o trabalho e a saúde. São **sintomas** que persistem, não são episódicos... Sintomas que se manifestam regularmente, e em diferentes contextos (vida de trabalho e fora do trabalho).

Estão, como refere Aiach (2001), as mulheres mais atentas a si e ao seu corpo? Detêm elas uma outra consciência do próprio corpo e uma outra atenção à saúde?

**“Não posso pegar em pesos, mesmo em casa já não consigo fazer como fazia.”<sup>1</sup>**

**“No início, o corpo não dava sinais, mas agora já se ressent. O corpo ainda não se tinha dado àquilo, mas agora já estou a sentir”**

**“Às vezes, tomo medicação ainda antes de começar a trabalhar”**

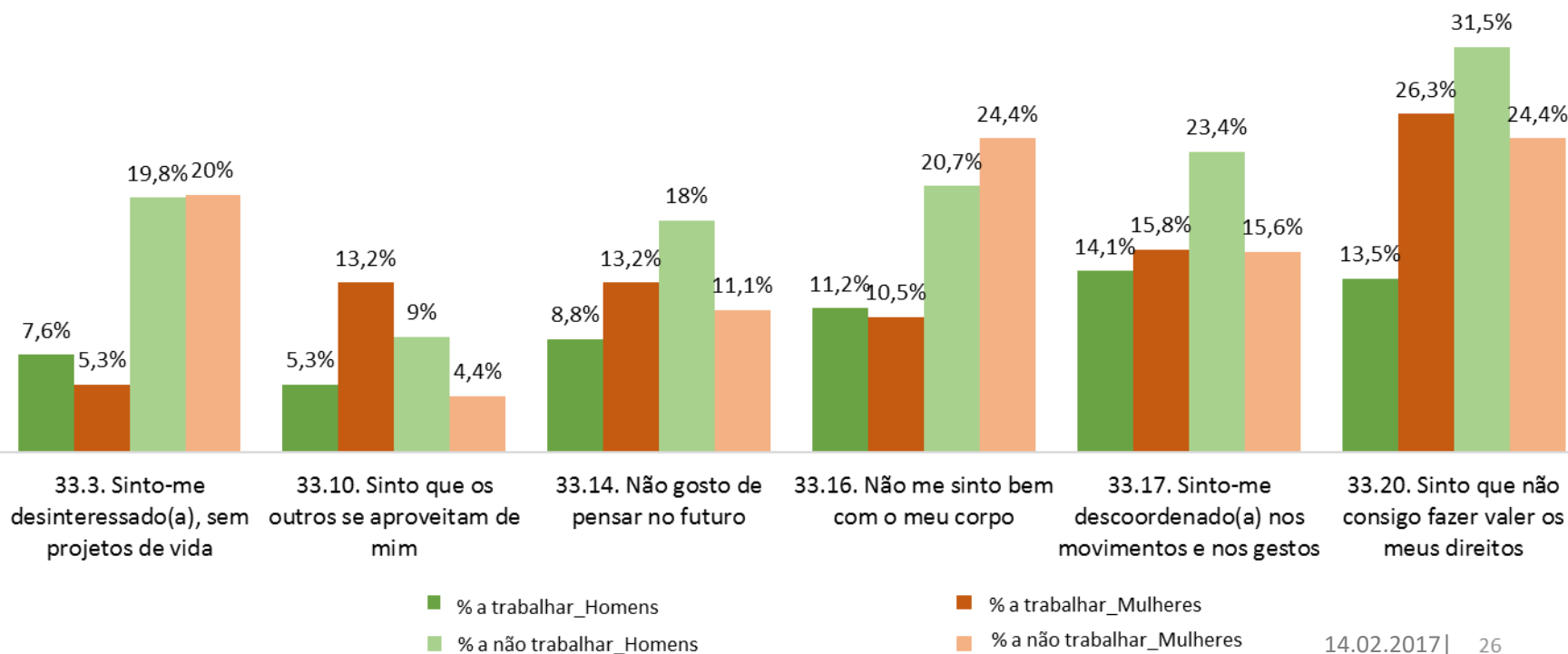
**“Infelizmente, as dores não se vêm... às vezes, até tenho medo de me queixar e de pensarem que eu não tenho dores”**

**“Tenho dores até a pegar na minha filha”**

<sup>1</sup>Excertos de entrevistas do projeto «Reconstruir Projetos Profissionais»

## Impacto do acidente na imagem de mim e na relação com os outros

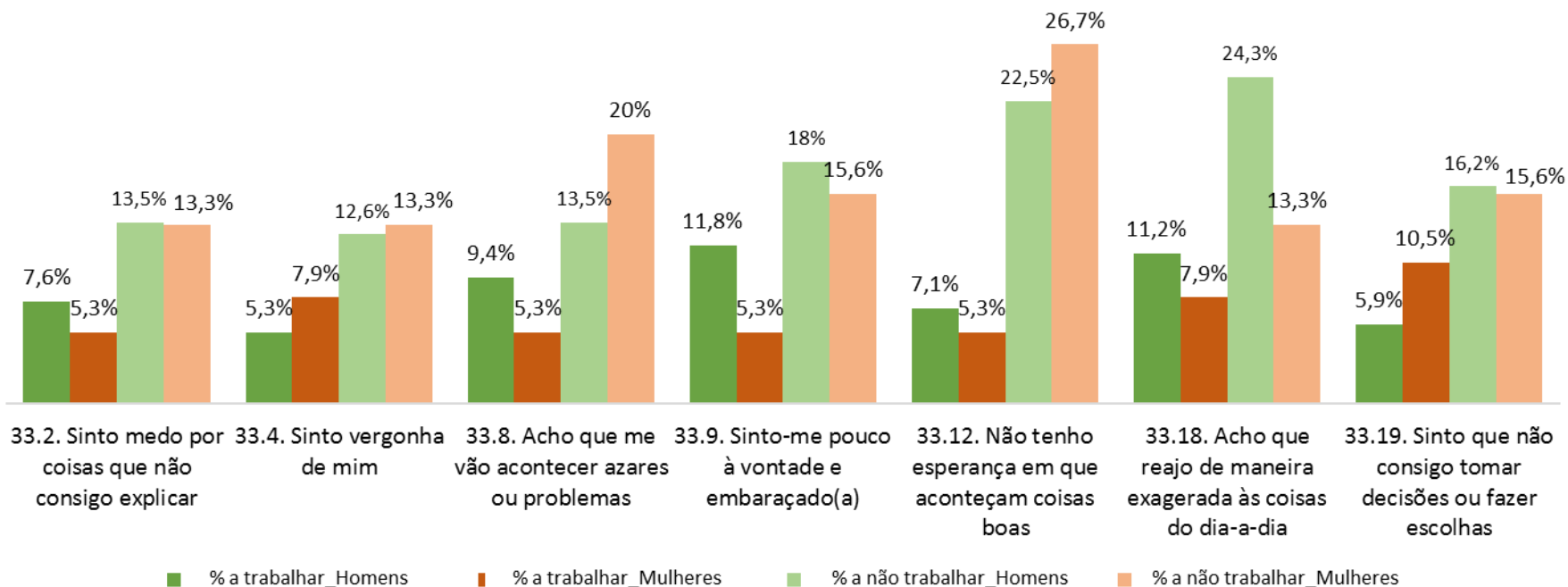
- Os itens “Os outros aproveitam-se de mim”; “Não gosto de pensar no futuro”; “Sinto que não consigo fazer valer os meus direitos” desta escala são mais referidos por mulheres a trabalhar e homens que não estão a trabalhar
- Os resultados da análise dos itens desta escala são reveladores da influência das variáveis género e trabalho



## Impacto do acidente na imagem de mim e na relação com os outros

O trabalho: causa do acidente e de agravamento dos seus efeitos? Nem sempre...

- Apesar das diferenças de género nesta escala, o regresso ou não ao trabalho parece ser aqui determinante: a perspetiva de si no futuro é marcada e agravada pelo acidente, tendo um papel diferenciador o **facto de se estar ou não a trabalhar**, por exemplo: “acho que me vão acontecer azares ou problemas”, “não tenho esperança em que aconteçam coisas boas”.



Os discursos dos que estão a trabalhar após o acidente evidenciam, no entanto, diferenças de género: as mulheres têm um discurso sobre si e as suas limitações que é resultado de uma vigilância sobre si mesmas; os homens têm um discurso aparentemente mais marcado pelo julgamento dos outros face às suas limitações.

## Eu/Si mesmo (mulheres)



## Outros (homens)

- “Não posso pegar em pesos, mesmo em casa já não consigo fazer como fazia.”
- “No início, o corpo não dava sinais, mas agora já se ressent. O corpo ainda não se tinha dado àquilo, mas agora já estou a sentir”
- “Às vezes, tomo medicação ainda antes de começar a trabalhar”
- “Infelizmente, as dores não se vêem... às vezes, até tenho medo de me queixar e de pensarem que eu não tenho dores”
- “Tenho dores até a pegar na minha filha”
- “Não é fácil estarmos com os colegas sempre a ouvir que não fazemos”

- “Eu vou na máquina e vou com medo que me ralhem, porque me podem cair coisas e eu tenho que pedir ajuda”
- Sente vergonha quando vai com a esposa às compras, e é ela quem carrega os sacos. “Ela sabe que isto me está a matar”
- “Após o acidente, estou a fazer esforços que não posso fazer, porque me dói a mão direita e eles querem que eu faça. Eu estou a fazer, só posso pegar em 5Kg, e eles não querem saber de nada.”
- “Somos todos úteis e bons enquanto desempenhamos a nossa tarefa e damos lucro. Depois do acidente, somos inúteis e um fardo perante os colegas”
- “Queres deixar de fazer picking [preparar encomendas]?” “Ora, não sou eu que tenho de o dizer, não é uma questão de vontade minha”

## A partir do acidente... a produção sempre de um “outro-si”

### Na amostra do projeto ANDST:

- Impacto do acidente negativo/muito negativo na mobilidade no dia-a-dia: 51,1% no total (48,2%Homens; 60,7% mulheres).
- Impacto do acidente negativo/muito negativo nas tarefas domésticas: 47,5% no total (38,7%Homens; 77,4% mulheres).
- Impacto do acidente negativo/muito negativo na relação com os filhos (dificuldade nos cuidados/dependência dos filhos): 16,4% no total (14,1%Homens; 23,8% mulheres).

### Nos discursos individuais (projeto RPP):

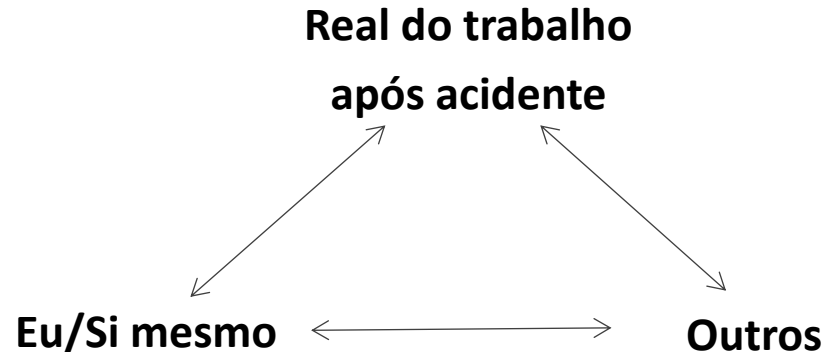
“Não posso pegar em pesos, mesmo em casa já não consigo fazer como fazia”

“deixou crescer a barba, porque “não dá para fazer todos os dias”; não consegue escrever, pentear-se, cumprimentar os outros, lavar o carro, ajudar nas compras...)

“Eu não tinha medo de nada, hoje tenho medo de tudo”

“A perspectiva de envelhecer assusta-me muito”

## A produção de um “outro-si” após o acidente... mediada pelo trabalho



- “Estar num sítio e saber que não estava a ser prestável a 100% para a equipa, uma pessoa não se sente bem”
- “Não é fácil estarmos com os colegas sempre a ouvir que não fazemos”
- “Eu quero sair daqui o mais rapidamente possível, porque me sinto um inútil. Enervo-me porque não consigo fazer ”
- “Sinto-me um incompetente, não consigo fazer o meu trabalho, sinto-me um deficiente. Queria um trabalho em que não dependesse de ninguém”
- “A perspetiva de envelhecer assusta-me muito”